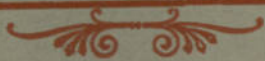


L 21692 ²

O COLAR DE VERA



POR

Maria O'Neill

Sócio-Correspondente

DA

Academia das Ciências de Portugal



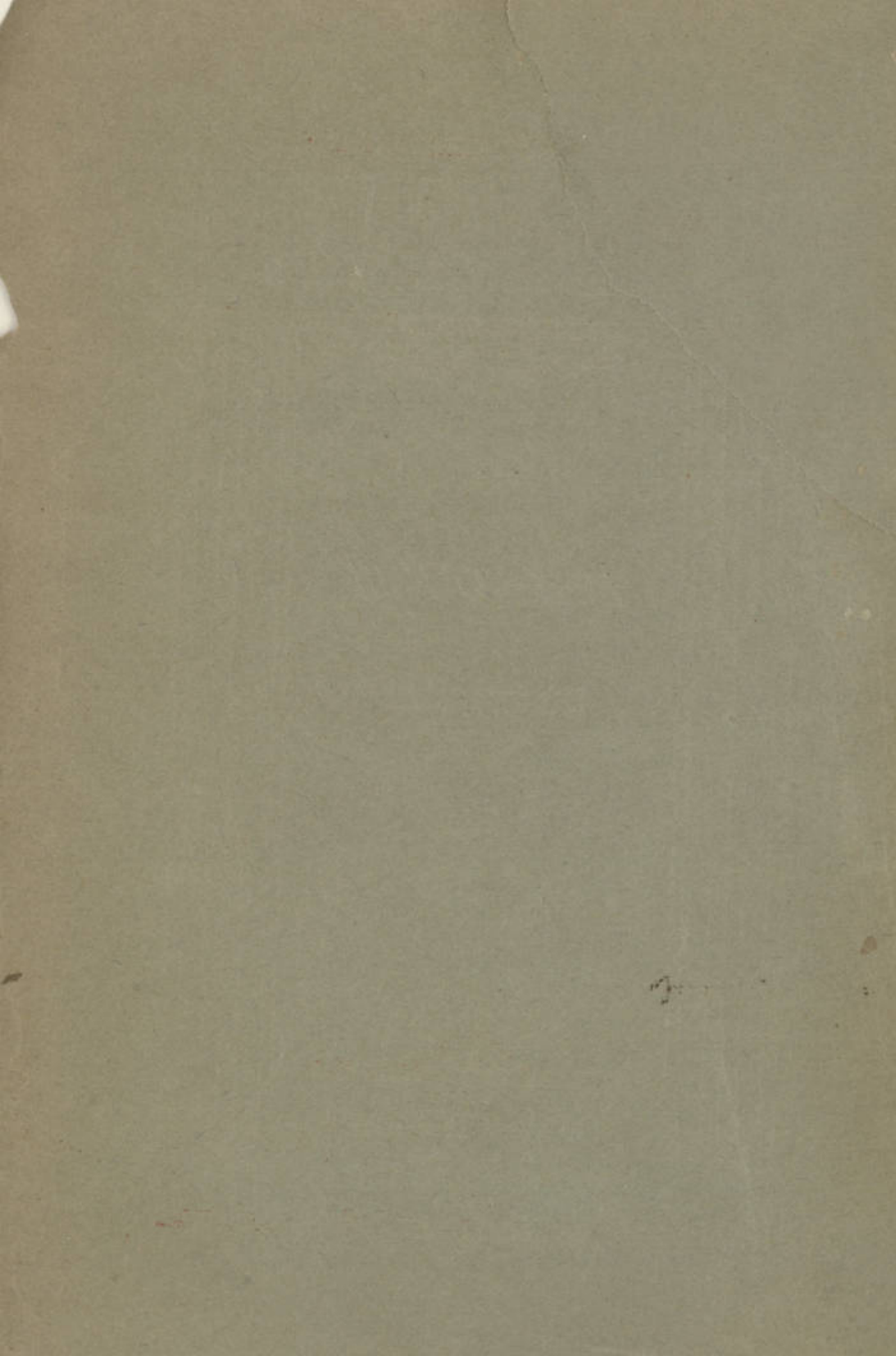
1923

Tipografia e Encadernação
A RÁPIDA

78, ^o do Marquês de Abrantes, 80
LISBOA



01



O Colar de Vera

MARIA ANTONIA

ROMANÇO EM DOZE LIVROS

O Colar de Vera

© Colai de Vets

24413

21692

M.F.
F. 2. F. 23.

O Colar de Vera

BIBLIOTECA NACIONAL
CONSERVADORIA DO PATRIMÓNIO LINGUÍSTICO
LISBOA.

POR



R. P. L.
3601.

MARIA O'NEILL

Sócia correspondente da Academia das Sciencias de Portugal

*Só a dôr faz da vida uma canção divina ;
O amôr não é amôr se nos não faz sofrer ;
E é como a singular rosa da Palestina
Que murcha e todo o orvalho-a faz reverdecer.*

Marcelino de Mesquita

1923

TIPOGRAFIA A RÁPIDA
78. C. Marquês de Abrantes, 80
LISBOA

1301/2

24413

O Colar de Vera

ALMA CORAL

ALMA CORAL

ALMA CORAL

ALMA CORAL

ALMA CORAL

EU NUNCA VERSEJEI SENÃO QUANDO SENTI :
O VERSO QUE EU FIZER PODE NÃO SER PERFEITO
MAS TEM LAIVOS DE SANGUE, O SANGUE EM QUE O VIVI!

Marcelino de Mesquita

Olhando o próprio rastro...

Paro cansada a meio do caminho
Por onde tanto ser jurou seguir-me :
Nas trevas do revoltó torvelinho
Nem um vulto sequer — por iludir-me.

Tanta fé, tanto amor, tanto carinho,
Tanta promessa, tanta tenção firme,
Tudo, tudo tentou, logrou fugir-me
No eterno esquecimento...

(Dos *Nimbos*)

ÍNDICE

Dedicatória	11
Prologo	13
Êles.....	17
O leque	22
A toirada... ..	26
No Campo Grande.....	31
Vaidade Ferida.....	38
Gritos d'Alma	43
Desilusão	50
Ela por Ela.....	54
O Duelo	61
O Cedro	65
Epilogo.....	69

A Meus Pais:

*Amados mortos, doce companhia
Da minha solidão,
Vós sois o amparo, a luz, sois a energia
Que nunca chamo em vão.*

*Vinde aceitar estas palidas linhas,
Sombras que me escutais:
Têm valor p'ra vós por serem minhas,
Porém p'ra ninguém mais.*

A. M. S. P. 1812

1812

1812

1812

1812

1812

1812

1812

1812

PROLOGO

— Dize, Amor, o que és tu ?

— Eu sou triste lamento, um sentimento, um grito,
Que podes, na extensão, medir pelo infinito

Sem nunca lhe achar fim.

Ignoro porque existo e sei que o meu tormento

È sentir que me arrasta o proprio pensamento

A receiar de mim.

De essencia divinal, nada me prende á terra.

Declaro á inconstancia a mais constante guerra

Porque não sei mudar.

Amor não creias que é quanto o nome apregôa :

Um sonho que deslumbra e que, atingido, vóa

Para não mais voltar.

Amor sómente eu sou, pois sempiterno duro.

Vivo do mal passado, ansiando no futuro

Poder alcançar paz.

Sou como a sensitiva, amante e retraído.

Matou-me a dôr em vida : arbusto ressequido,

O sol já me não praz.

O falso amor empresta ao ser que julga amado

Milhões de perfeições que tem imaginado,

PROLOGO

E torna-o seductor.

Eu não. Estudo, analiso, e nada se me encobre.

Sofro do que não vejo e que a razão descobre,

Sem diminuir de ardor.

Eu quero o que desdenho e odeio quanto adoro.

De excesso de paixão não me arrependo ou córo :

É, porque tem de ser.

Fatal como o destino, existe porque existo.

Assim como na cruz o mundo pregou Cristo

Por êle hei de morrer.

Tudo na terra muda e se transforma, em anos,

Sem que ninguém desvende as causas, os arcanos,

De tanto variar.

Todos falam de amor e em todas as idades

Me injuriam sem dó, tomando por verdades

Um vão borboletear...

Desconhecido sempre, indómito e temido,

Eu sou na voz do mar o perenal rugido

Triste e desolador...

Quando se solta o vento á voz da tempestade,

E ribomba o trovão por toda a imensidade,

É minha a sua dôr.

Passo na terra só. Ninguem me atende ou escuta ;

E vivo, como o mar, na mais pungente luta

Sob tão varios ceus.

Mas, no mais fundo de alma, a voz da Consciencia

Diz-me que puro amor, de tão etérea essencia,

É só devido a Deus,

E que, teimando em dar-me a humanas criaturas,

Sôfro mui justamente as mais crueis torturas,

Consequencias do mal . . .

Castigo grande, imenso, a que estará sujeito

Todo o ser que tiver no reino de alma eleito

Mortaes por Imortal.

Queres ouvir um conto altivo e verdadeiro

Que te faça sentir o horror de pôr primeiro

Alguem em tal lugar ?

Atende á voz do oceano, aos raios fuzilando,

Ao vento que assobia, os troncos fustigando,

E fazendo-os quebrar.

É chuva torrencial, cai de pupilas cêrulas.

Formam colar depois e são formosas perolas

Que podes conservar.
Merecem belo cofre em prata cinzelado,
E sobre o fundo azul o colo contornado
Dirá dominador :
— Eu sou feito de luz, de graça eterna e pura,
Não me pode guardar ninguém na sepultura
Que Deus é meu Senhor!

ÊLES!

I

Quinze anos! Quem é que pensa
Em quadra tal sem saudade?
Em que a vida é lava intensa,
A rir com alma e vontade.
Quinze anos! Tê-los vivido
Com tão vivido fulgor
Sem neles ter conhecido
Quanto pode a luz do amor!...
Quinze anos!... Diz, coração,
Não valem a vida inteira?
A primeira comunhão,
Mais que a flôr de laranjeira,
Causa um místico receio:
-- É quanto de grande existe
Abrigar Deus no seu seio!...
E depois, descer... é triste!...
Quinze anos! sonho doirado
Onde o mais vivo matiz
Tem a ventura alcançado
Em quimeras que não diz.
Quinze anos! Ai, quem m'os dera
Cheios de viço e de frescor!...
Quinze anos tinha, pois, Vera
Ignorando o que era amor.

Alta, delgada, gentil,
A graça feita mulher,
Lembrava no mez de abril
Entre a relva um malmequer.
Os seus cabelos doirados
Eram um manto rial.
Quando os deixava espalhados
Tinham brilhos de metal.
E nos olhos côr de céu
Havia tanta viveza,
Tanta alegria sem veu
E tão singela pureza,
Que qualquer diria ao vê-la
Sem ser lisonja sequer:
— Ou esta mulher é estrela
Ou anjo feito mulher.

Porém, no dia em que falo,
Não é d'anjo o seu trajar.
Tendo saído a cavalo,
Veste um fato de montar.
Sobe a vasta escadaria
Que ingresso dá nos salões,
Mais risonha do que o dia,
Soltando á luva os botões.
Vai cantando alegremente
Numa voz de rouxinol;
Pára porém de repente
Confundida, envergonhada,
Ante um fidalgo espanhol
Que o tio acompanha á escada.

— Permite, Vera, é Dom Paio
Que te quero apresentar,
E desde o passado maio
Me tens ouvido gabar
Como audaz cavalgado.
Ela cora intensamente
E co'o seu ar seductor
Estende a mão branca e fina,
Dizendo em tom inocente
Que está traíndo a menina:
— Quando em vós meus olhos puz
Vi que faltava o cavallo.
Um homem que é cavaleiro
Não pode nunca negá lo:
Lembra-me Cristo sem cruz.
— Tendes o bote certoiro,
Volveu risonho o senhor.
E separaram-se rindo.
Ela entrou, êle desceu
Maldizendo o rosto lindo
Que a vaidade lhe ofendeu:
— Pernas tortas! Ora vejamos
No que ela foi reparar!
Quantas vezes nos desejamos
Depois de vir desdenhar!...
Deixa estar, minha princeza,
Que apesar de portuguesa
Eu te farei suspirar.
Tenho então as pernas tortas?
Pois de noite, a horas mortas,
Has de Dom Paio evocar.

A jovem desprevenida
Foi-se despir e lavar,
Que o galope a toda a brida
Faz um banho desejar.
E pensava dentro de agua,
Sem sombra de leve mágua,
Pois não julgara ofender:
Dom Paio Torres de Oñor
E velho, podem dizer;
Mas é gentil e formoso.
Não me seria custoso
Vir talvez a ter-lhe amor:
Amor! . . . O que vem a ser?
E quedou-se pensativa
Na sua alma sensitiva
Analisando-lhe o fato
Com prazer forte de mais.
Depois, pintou-lhe o retrato:
Distinto em traços gerais,
Moreno, o cabelo escuro,
Tem por olhos dois carvões.
É de aspecto altivo e duro,
Mas no sorrir tem clarões!
As pernas parecem mal
Porém, se o ponho a cavalo,
O Dom José do Terreiro
Tem por força de invejá-lo:
Cai do niveo pedestal
Ante o nobre cavaleiro
De porte mais que ideal.
E tem efeitos de sol. . .

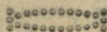
Sinto que me ia aquecer.
Como é picante um espanhol!
Gostava sempre de o ver...

Amor que desabrocha á vida mansamente
Inda que em alma alegre, é triste de ansiedade;
É relicario santo, oculto a toda a gente,
Que parece guardar perfumes de saudade.

Ai, do que tem de ser!

Amar é estar doente

Sem bem o perceber.



O LEQUE

II

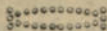
Descuidosa do tesoiro
Que lhe ha de o rosto adornar
Nessa toirada a primor
Em que Dom Paio ha de entrar,
Em frente do toucador
Deixa Vera os fios de oiro
Pelas aias pentear,
E com rir motejador
Fita um jovem militar
Que sem geito e cuidadoso
Tenta um fitilho enfiar
Nas varetas de marfim
Dum leque já secular.
— Hei de estar pronta, João,
Sem que tenhas acabado
Essa difficil tarefa
Que a minha velha Josefa
Teria ha muito findado
Sem quasi lhe pôr a mão.
— Bem sei. Sou desageitado,
Mas tenho, cara priminha,
Um sensível coração
Onde só tu és rainha
Inda que o queiras ou não.

Quando agitares nos dedos
O leque da nossa avó,
Ha de dizer-te os segredos
Que a minh'alma a ti diz só.
Servirá para afastar
A turba de adoradores
A fita posta por mim.
Álerta contra os amores,
Brada o leque de marfim.
— Não teimes, meu bom amigo,
Nem te cries uma ilusão.
Vivendo sempre contigo
És me caro como irmão.
Tenho em ti tanta vaidade!
Os teus triunfos são meus...
Dava a vida sem saudade
Para alongar dias teus.
Mas amar-te?... Não, não posso,
É-me impossível, João.
Brigariamos por certo
Na primeira ocasião.
— Não, priminha, nem o amor,
Viva longe ou viva perto,
Me fará esquecer um dia
Um velho preceito nosso
Que timbra de fidalguia.
Prometo: nem co'uma flor,
Se me agravasses, faria
O mais leve desprimor.
— És um encanto, João,
Tens uma nobre figura
E mais nobre coração;
Mas tens um grande senão...
Amo te mais do que a mim,

Sentindo-te sempre irmão...
Venha o leque de marfim.
— Áleria contra os amores!
Te dirá para onde fores
Esta fita cõr de rosa.
Deixa-me ver-te... Estás linda!
E já com ar de senhora...
És formosa entre as formosas.
Nesse vestido de gaze
Ficas mesmo seductora!
Mas vou repetir-te ainda:
Não esqueças a minha frase,
Alma de puro jasmim:
Áleria contra os amores!
Brada o leque de marfim.
— Não vens á toirada? — Não.
Mais uma vez despedido,
Dispensa-me a companhia:
É triste um desiludido...
Porém, descansa, priminha,
Não morrerei de paixão.
Embora não sejas minha,
Eu chamo-me Dom João!
Ha mais fontes de alegria
Do que um riso de mulher.
Haja saude e folia,
É quanto um homem requer.
No porvir ri sempre esperança!
Mas não descures, criança,
O teu leque de marfim:
Áleria contra os amores!
Diz a fita de setim.
E saíu cantarolando
Em voz alegre e potente:

«Passa-se a vida sonhando
 E mais sonha quem mais sente». —
 Vera, nas luvas pegando,
 Que Josefa lhe estendeu,
 Pela vasta escadaria
 Maquinalmente desceu.
 E já dentro da vitória,
 Sentada junto do tio,
 Repetia na memoria,
 Vendo o leque de marfim:
 Álerta contra os amores!
 Diz a fita de setim.

Como um pressentimento atroz, indefinido,
 Agudo espinho n'alma a distilar veneno,
 No rosto da sobrinha, o velho viu pungido
 Duma lagrima enorme o deslisar sereno.
 — Que tens? Que se passou?
 Vera contou-lhe tudo
 E por fim suspirou.



A TOIRADA

III

Como a tarde está linda e está serena!
O sol caíndo a prumo sobre a arena.
A praça engalanada a buxo e flores,
Ostentando bandeiras multicores
Regorgita de povo a vozear.

Vera tem a maior das arrelias:
Chega quasi ao findar das cortezias,
Depois do Rei Dom Carlos já lá estar!
Dom Paio entre a flor dos cavaleiros
Tidos na nossa terra por primeiros,
Brilhava como um rei, não tendo par.

Filho dum diplomata que em Lisboa
Longos anos vivêra, e cá deixára
Cordiaes relações, este Dom Paio
Enraivava espanhoes, por achar boa
E bem melhor que a sua a forma rara
Elegante e gentil de toirear
Dos nossos portugueses. No seu baio

Que foi comprado aos Maias, quiz mostrar
 Na Espanha airosa a graça Portuguesa
 Que tem um cavaleiro. E fez furor
 Nunca isento de invejas e despeito.
 Houve zangas, polemicas, questões,
 Ditos de estupidez e de esperteza.
 Emfim, aqui chegou tanto rumor,
 Que o convidaram como cavaleiro
 Na amavel intenção de lhe prestar
 Carinhosa ovação. Sendo trigueiro,
 O negro do vestido o faz mais belo,
 E a renda antiga, em tom quasi amarelo,
 Realça a distincção do seu trajar.
 Vendo Vera, saudou-a gentilmente,
 Lançando-lhe um olhar ousado e quente
 Que intensissimamente a fez vibrar.
 Nunca sentira tão profundo efeito,
 Nem lhe pulsara o coração no peito
 De modo mais violento e singular!...

*

A lida começou galhardamente.
 A fina flor da gente portuguesa
 Inebriada aplaude, e de contente,
 Ruge a sombra e o sol tão loucamente
 Que parece um oceano em tempestade.
 Chegou por fim a vez ao cavaleiro,
 E Dom Paio, gentil, sereno e forte,
 Formando êle e cavallo um corpo inteiro,
 Lembrava um deus desafiando a morte!
 Ajoelhando o cavallo ante a rainha,
 Ele a primeira sorte lhe oferece.
 Vera, inclinando a loira cabecinha,

Só vê Dom Paio e tudo mais lhe esquece.
 Que anceios! que alegria! que ovação!
 A praça é como um grande coração
 Pulsando só de amor pelo herói.
 Desfaz-se em palmas, bravos, gritos, flores...
 Só Dom João o seu ciume rói,
 Vendo o rosto da prima de mil côres.
 Não resistira a vir; e, sem ser visto,
 Dela seguia os movimentos todos
 Sem um gesto perder; mas imprevisto
 Sofrimento encontrou, tortura a rodos,
 Que o fez de imensa raiva estremecer.
 Com graça natural, quasi espontanea,
 Enquanto o boi, escarvando o chão, mugia,
 O ginete ajoelha, e o cavaleiro
 Parecendo olvidar o mundo inteiro,
 Olhando Vera, a sorte lhe ofrecia.

*

E que feliz que foi! Um bravo unisono
 Ecoou na praça e foi morrer ao longe!
 Não tem mais macerado rosto um monge
 Nem alma humana assim uma agonia
 Como a de Dom João, vendo que a prima
 A praça lança o leque de marfim.
 Ergueu-se turvo, e na dor que o possuia,
 Saiu dali sem vêr da scena o fim.
 Fez muito bem. Dom Paio, sem parar,
 Fazendo que o cavallo ao galopar
 Quasi roçasse o ventre pelo chão,
 Apanha o leque, e depois de o mostrar
 Com enlevo, carinho e muita estima,
 Depois de a rosea fita lhe beijar,

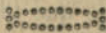
Pol-o no bolso, sobre o coração.
 E Vera tinha as faces de carmim!
 Pobre e meigo Dom João! encanecem
 Nessa tarde de agosto, os seus cabelos,
 Sem presenciar a scena capital.
 Não conheço na terra maior mal
 Que a esmagadora dor de crueis zelos
 Causados pela esp'rança que morreu,
 Ao ver alguém colher aquele olhar
 Que se teve a loucura de pensar
 Que nenhum outro chamaria seu!...

Terminou a toirada, e o espanhol
 'Splendendo no seu traje de veludo,
 Gracioso na voz, no modo, em tudo,
 Trouxe a Vera o seu leque de marfim.
 — Pode-o guardar, disse ela em voz tremente;
 E bem modesto, improprio, esse presente...
 Será mais uma flor no seu jardim,
 Pois entre sombras, ramos, cigarreiras,
 Irá representar singelamente
 O vivo entusiasmo que eu senti
 Sem nada perceber da sua arte.
 Assim que entrei na praça, mal o vi,
 Pensei que era bem sua a melhor parte
 Desta festa tão linda! — Vamos lá,
 Vera, são horas de sair: repara.
 (A praça toda já se despejara).
 — Venha-nos vêr, Dom Paio. — Irei, irei.
 — Amanhã? — Não, que tenho de ir a El-Rei.
 Entre apertos de mão, sorrisos, ditos
 De invejosos reparos descontentes,

As escadas desceram sorridentes
 Ambos alegres, fortes e bonitos.
 Em soberba equipagem enfeitada
 Era esperado com impaciencia
 Pelos outros rapazes que á toirada
 Tinham dado concurso e tanto brilho,
 O esplendido mancebo. Sem ter pressa
 Ajudou Vera a entrar para o seu trem.
 Que encanto tem o idilio que começa!
 Ainda não vi na terra maior bem.
 Depois dela partir, eles partiram.
 E ainda uma vez, uma vez mais se viram,
 Pois seguindo a *vitoria* o mesmo trilho
 O luzido cortejo auri-luzente
 Á frente lhe passou, e sorridente
 A jovem se voltou, correspondendo
 Ás gentis saudações daquela gente.
 O velho tio ia calado e... vendo.

Desmaia o Rei do dia e pelo espaço infindo
 Derrama um tom doirado em toda a Natureza.
 Todo o prazer de Vera afoga-se em tristeza
 Como no verde mar o sol se vai sumindo . .

E o leque de marfim?
 A fita cor de rosa?
 Que angustia silenciosa
 Num «que vai ser de mim?»



NO CAMPO GRANDE

IV

D. João, maguado, anuveado e torvo,
Foi-se sentar no Campo, junto ao lago.
Sentindo ao longe o crocitar do corvo,
Teve um pressentimento estranho e vago.
Um filosofo amigo, indo passando,
No seu aspecto triste reparou.
E, sem ser visto dele, ali parando,
Em tom suave assim lhe perguntou :
— Ó alma sonhadora, em que meditas
Quando divagas pelo espaço imenso?

JOÃO

Na vida, fonte eterna de desditas,
A qual mais temo se mais nela penso.

FILOSOFO

Então não te arrebatas, não te enlevas
Na grandeza de quanto Deus criou?

JOÃO

Deus !... Para que nos fez surgir das trevas
E tanta luz nas almas derramou?

Não ser! Seria o bem dêste Universo,
E eu sinto bem que existo... eu sei que sou.

FILOSOFO

Almozinho vil, louco, atrevido,
És tu que ousas julgar o proprio Deus?

JOÃO

É que á minha razão não faz sentido
A criação da terra nem dos céus.

FILOSOFO

Orgulho desmedido o que desdenha
Por lhe ser impossivel atingir!...

JOÃO

Fala-me então de modo que convenha.
Eu quero perceber, desejo ouvir

FILOSOFO

Antes de ser, eu era!
Das regiões sem forma o Incriado
Vi-me descer ao mais infimo plano;
Trazia-me o desejo, insaciado,
De profundar da terra o grande arcano.
Eu fui!
A escala percorri do mineral ao ser
Que raciocina e pensa; e várias vezes vim,
Sempre em mais perfeição, até chegar a ter
A força e o poder de te falar assim.

Eu sou!
 Em meu triplice aspecto a Divindade, Deus,
 Se quiz manifestar; eis-me na Consciencia
 E, se ela não atinge ainda os designios seus,
 Conhece-lhe o saber e sente-lhe a potencia.
 Eu serei!

A luz, que me ilumina as profundezas d'alma,
 Aponta-me um porvir em tudo rutilante:
 Suavidade e paz na mais bemdita calma,
 Clara e firme visão de tudo que é distante.

João, *desanimado*

Como eu quizera, Gil, poder pensar assim!

FILOSOFO

E podes. Porque não? Medita o Padre Nosso,
 Unifica-te a Ele e diz bem de alma: Eu posso.

João, *como acima*

De que me servirá, se a fé extinguiu-se em mim?

FILOSOFO

Não se extinguiu nem extingue. Salva-te da ignorancia
 Cultiva a tua mente e voltar-te-ha a fé
 Sempre mais firme e bela.

João

Assenta-te.

FILOSOFO

De pé
 Prefiro estar, mas ouço...

JOÃO

A tua história narra,
Se acaso em m'a contar não sentes relutância.

FILOSOFO

Ouvi sempre falar, desde a mais tenra infância,
Do dever de ser bom. Mas também sempre vi,
Do livre pensador ao ferrenho devoto,
Manter-se a mais formal e firme discrepância
Com um bom senso são.

JOÃO

Eu vejo, eu penso, eu noto...

FILOSOFO

O mesmo a turba faz. O que é que vês aí?

JOÃO

Na generalidade, um formalismo estulto,
Teatral, ostensivo e muito pouco culto.
Em todos hei notado um fundo sectarismo.
Pensam em si, nos seus. Ha montes de egoísmo
Ao qual, sem tom nem som,
Se acorrentam sem dó no proprio coração.

FILOSOFO

Tambem pensei assim, porque desconhecia
A grande e sábia Lei da nossa evolução.

Por isso, a desolar-me, ás vezes repetia :
 «Ai! Se Cristo voltasse, o que diria aqui?»
 Tudo é grande, ideal, nas obras do Senhor.
 Nada se deita fóra. As fezes do monturo
 Não de se transformar num proximo futuro
 Em verdejante arbusto e perfumada flor!
 Que infinita grandeza ha nas obras de Deus!
 Porém, voltando, amigo, á minha louca historia,
 Longinqua, mas presente ainda na memoria:
 Um dia, numa igreja, as mãos aos céus erguidas,
 Notei uma mulher em oração piedosa.
 Em cada dedo seu brilhavam pedrarias,
 Não vendo, junto dela, uma pobre andrajosa
 Que a tosse desfazia, ensanguentando o lenço,
 E de fome morria...

João

Eu vejo, observo, penso...
 Sem ter de ir rebuscar em casos excepcionais,
 Desde a choupana humilde á casa aristocrata,
 E do feroz tirano ao que se diz acrata
 Todos, em tudo, assim!

Filosofo

Não terminava mais
 Se quizesse contar ou se tivesse em mira
 Insultos descrever, a que sujeitam Deus,
 Enquanto olham com fé na palida safira
 Os astros que a Seus pés rebolam pelos céus.
 Pois se até no momento em que ante Ele, ajoelhados,
 Lhe pedem o perdão para seus vis pecados,
 O julgam enganar, mentindo e sonegando!...

João, *com nojo*

Como esse proceder é torpe e miserando!

FILOSOFO

Com isso nada tenho; e se lhe aludo aqui
 É só para contar por que eu também descri.
 Vendo no mundo inteiro hipocrita indif'rença
 E não compreendendo a razão de existir,
 Envolveu-se-me a mente em nevoa negra e densa,
 E condenava Deus por eu não reflectir!
 Puz nos bens dêste mundo a minha maior gloria
 E na paixão terrena a grande aspiração.
 Do muito que passei basta a cruel memoria
 Para me ser eterna a justa expiação.

João, *condoído*

Tambem, tambem como eu, nas urzes do caminho
 Rasgaste o coração e ficaste sósinho.
 Coitado! Pobre Gil!

FILOSOFO

Sem dor, que se consegue?
 Quem ha que alcance Deus sem que primeiro o negue?
 Um dia, no silencio, ergueu-se a Voz Divina,
 Surgiu dela a Verdade iluminando os Céus.
 Então já não maldisse a minha ingrata sina
 E bradei deslumbrado: O nosso fim é Deus!

Fez-se um longo silencio, e o velho disse ainda
 Numa voz doce, calma e de harmonia infinda:

— João, foge como eu, afasta a lama impura.
 Crê que Deus abre o seio a toda a criatura
 Que pode, sabe e quer alar-se ao infinito,
 E percebe que aqui se vive sem lugar.
 Atinge Deus a dor que explode num só grito
 E manda junto a nós *alguem* p'ra nos guiar.
 Fez-se mais longa pausa e disse ainda o velho:
 — Medita, meu amigo, a sério, o Evangelho
 E vem junto a mim nas horas de tristeza.
 Hei de ensinar-te a ler na grande Natureza
 O segredo de ser alegre eternamente.

E sem ouvir resposta, afasta-se ligeiro
 Enquanto a noite cai suave e mansamente.
 E Dom João, vergando ao desgosto primeiro,
 Revê na fantasia o leque de marfim.
 Corre-lhe pelo rosto um pranto amargo, ardente,
 E diz, desfêito em dôr: «P'ra que é que ao mundo vim?»

E na verde folhagem
 Que a viração agita,
 Qualquer cousa êle fita
 Que lembra a *sua* imagem.
 Ergue-se em sobresalto,
 A casa regressando.
 Vai já n'alma embalando
 Um sonho bem mais alto...

Depois, tranquilo e forte, o jovem militar
 Repete inda uma vez: «P'ra que é que ao mundo vim?»
 Certamente não foi p'ra rir e namorar
 Nem para pôr num leque a fita de setim.
 E mergulhou-se após em fundo meditar...

VAIDADE FERIDA

V

Às quinze horas, saindo do hotel
Mostrando em azedume muito fel :
— Aposto que *as pernas tortas*
Já verá sem chalacear ;
E não fechará as portas
Do coração, se eu chegar
E bater suavemente
Pedindo asilo e conforto :
— Dizia rindo Dom Paio
A um amigo e confidente :
— Tens um génio rancoroso !
És cruel ! és vingativo !
— Apenas pundonoroso . . .
Amor próprio, muito, e vivo.
— Ela não quiz ofender-te,
Pois, quasi sem conhecer-te,
Que desdem pode abrigar ?
— Agora não, não abriga,
Mas mesmo que se desdiga,
Conseguiu-me incomodar.
Passei uma tarde inteira
Bem descontente comigo.
Pernas tortas! meu amigo,
E' pesada brincadeira

Que ha de bem caro pagar,
Ou não sou Torres de Oñor.
Ha de este malfeito amar
E, em chegando á rubra côr,
Tambem hei de desdenhar
Essa casta e pura flôr.
Um homem de *pernas tortas*
Que paixão pode inspirar?
Vê tu depois se a confortas
Da triste desilusão.
— Praticarás negra acção
Por um leviano gracejo
Em que ela não pôz maldade.
E' risonha a mocidade,
Gosta de rir e folgar.
— Em toda a parte eu entrava
Altivo, senhor de mim,
Sabendo sempre agradar.
Desde o paninho ao setim
Vencia sem grande alarde
De talento ou cortezia.
Porém, desde aquela tarde,
Sinto que o peito me esfria
Se num salão vou p'ra entrar.
Não sei que fazer das pernas,
Dão-me torturas eternas
Que vivi sem suspeitar
Durante mais de trinta anos.
— Mas foi acaso mentira
O que disse essa criança?
— Isso não me põe nem tira.
Deu-me a verdade mil danos:
Acordou desconfiança
Da minha boa figura.

Sinto-me quasi exquisito,
 A custo sufoco um grito
 De despeito e de tristura,
 Se me vejo reflectido
 Num pedaço de cristal.
 Quem olvida tal partida?
 — Desde que a não fez por mal...
 -- Não, não, que o ressentimento
 Amarga a todo o momento
 Na minh'alma dolorida.
 Se eu ficasse na ignorancia
 Dessa falta de elegancia,
 Achava Vera gentil;
 Assim, o meu pensamento
 Vê nela a todo o momento
 A perfidia dum reptil.

*

Em vão o bondoso Mário
 Quiz Dom Paio dissuadir
 De f'rir de Vera a vaidade
 Como ela o lograra f'rir,
 E na tarde de outro dia,
 Vendo descer a Avenida
 Vera e seu tio no *landau*,
 Dom Paio, rijo na sela,
 Deixando a roda escolhida
 Duma alegre companhia,
 Junto ao estribo cavalgou.
 E nas faces da donzela
 Vivo rubor se espalhou.

Num coração de virgem, puro e casto,
 Onde o sentir não sabe ter maldade,

Reflecte-se, indeciso, esse amor vasto
Que leva a Deus de toda a eternidade,
Achando a vida encantadora e linda,
Sem nunca lhe ter visto atrocidades,
Só no morrer do sol sente saudades
E um vago presentir da dor infinda
Que a humanidade arrasta em turbilhão,
Amor, num peito virgem, que expansão!
Que ansiedade! que gozo de viver!
Vê-se em tudo o sorriso e em cada ser
Se julga ter um verdadeiro irmão!
Transborda d'alma intenso o sentimento,
E' tão fundo e tão grande, santo, intenso,
Que o 'niverso todo quer cingir,
Que ela goze e se sofra sobre a terra,
E' pensamento cru, que a punge, aterra,
E tudo, tudo dava p'ra banir.
Quão diverso e dif'rente do sentir
Do grande amor que vem só noutra idade,
Desse amor que avassala, á morte leva,
Pode abismar-se nos confins da treva
Ou levantar-se em pura idealidade.
Amor que nada vê e tudo arrasta,
Turbilhão louco de fatal destino,
Podendo ser incendio que devasta
Ou notas de oiro dum ceruleo ino.
Ambos na essencia divinais e puros,
Mas diversos na forma e na energia,
Descoshece o primeiro os tempos duros,
Sustenta-se o segundo de agonia,
Num vendaval, em temerosa noite...
O primeiro é manhã, depois é dia,
E, se atinge mais força e chega á tarde,
E' sol que queima, afaga e no peito arde

Ainda quando já não alumia !
 Sentia Vera em toda a inocencia
 As azas d'alma o espaço a tentear,
 Aspirando em toda a Consciencia
 Os efluvios do doce verbo amar
 Que rescendia em toda a Natureza.
 E Dom Paio, soltando um fero lume
 Das pupilas que o Demo lhe incendeia,
 Finge que põe no altar uma candeia
 Da Virgem que entontece e que domina
 Já com forte paixão. Pobre menina!
 Só vive e sente quando o vê presente.
 Julga vê lo na rua em toda a gente
 E se um dia o não vê, já desanima.

Nesse vai-vem de dôr que as almas punge e fere
 Desejada amargura em que ha suavidade,
 Acorda para a vida a criança-mulher
 Começando a entender o que é uma saudade.

Tristeza de viver
 Longe do ser amado,
 Ansias vans de morrer,
 Quem as não tem passado ?



GRITOS D'ALMA

VI

O coração que sofre é taça de veneno
Que se enche até á borda e tem de transbordar.
Para contêr a dôr o peito é tão pequeno!
E' tão pequena a terra! E' tão pequeno o mar!
Só pelo azul infindo o pensamento pode
Alivio dar do mal que um coração crucia.
Por isso a Dom João, febricitante, acode
A ideia de escrever a mágua que o pungia.
Em desgarrões de vento, em furias de procela,
Ingrato a toda a gente, a si proprio rasgando,
Ou vencendo a paixão, ou vencido por ela,
Lá vai sobre o papel tristezas amontoando.

Feliz o ser que pode a mágua que padece
Soltar em pensamento ao espaço que a depura.
Falando de sofrer, o sofrer adormece,
Não tentando apagar a razão na loucura.
Vamos ver o que escreve o pobre torturado:
Ha de o compreender quem já tiver amado.

*

«Apaga-se-me a vida lentamente . . .
 Circula o sangue tão devagarinho,
 Que faço, a cada passo, o esforço ingente,
 Dum moribundo a prosseguir caminho.

A dor constante que o meu peito sente
 Comparo-a, n'agudeza, a forte espinho.
 A minh'alma, porém, não está doente:
 Assiste, alheia, ao desabar do ninho.

Nada a prende na terra, onde ha sofrido
 As mais pungentes e crueis lições;
 Mas lamenta não ter daqui partido

Quando estava repleta d'ilusões.
 — O que é pior na morte? — O esquecimento.
 Eu tive, ainda vivo, esse tormento.»

*

«De tudo e todos, vi que a indif'rença
 Se mascarava com fingido int'resse,
 E que a amizade, o amor, a propria crença
 Nunca tiveram base que valesse!

Impera o egoismo. Ele é que pensa
 Nesta terra de que eu, se hoje escrevesse,
 Só tinha a dizer mal. Que diferença
 Dos actos ás palavras! . . . O bem lê-se

Sómente no papel. E se um qualquer
Sai da regra geral (que desgraçado!)
Ha de sofrer por tudo que fizer

E por quantos serviu ser maltratado!
Feliz aquele a que a morte vier
Tendo ainda ilusões de que é chorado!...

«Feliz o que julgou que em peito humano
Se abriga realmente um coração,
Que pode, do principio ao fim do ano,
Sentir sempre por ele igual paixão.

Aquele a que a mentira não faz dano
Porque serve a manter-lhe uma ilusão,
E guarda aos montes no juizo insano
Vaidade que chegava p'ra um milhão.

Esse tem pena de perder a vida
Porque nunca viveu na realidade;
Não sabe o que são lágrimas, nem lida

Entre a grata mentira e má verdade.
E crê que a sua morte é tão sentida
Que pode matar outros de saudade!»

«Toda a razão que o sentimento enoite,
Pensa que o bem eterno ha de durar
E não tem um momento em que se afoite
A crer que tudo passa sem voltar.

Almas de loucos, onde é dia a noite,
São todas que se aviltam a julgar
Que o tempo as poupa co'o seu fero açoite
E alguém as ama por sómente amar.

O despegar da vida, nela crente,
Deve pôr n'alma uma emoção tão triste
Como a do sol ás horas do poente.

Com que tenacidade a luz insiste
Em afagar o azul!... Sabe que ausente
A treva volta e nada lhe resiste».

*

«Tanto ser encontrei no meu caminho
Que de nojo e de dó me fez voltar
Pior que um ebrio vil cheirando a vinho,
Ostentando os seus vícios sem corar,

Sem ter o sentimento de carinho,
Que erradamente amor oiço chamar,
Sem perceber no coração mesquinho
Que tem obrigação de se elevar.

Amor! desejo efemero, mais nada...
Baixo prazer carnal que pouco dura,
E que só na inconstancia tem pousada.

Torpe instincto que arrasta a criatura
A cumprir a missão a que é votada,
Quer seja criminosa ou seja pura!»

*
 «Assim, a mim, que me acho só na vida,
 E'-me grato partir para a não vêr.
 O que é a vida? — Pagina volvida
 Do livro imenso do Eterno Ser.

Tendo que abandonar tão triste lida
 Duas linhas apenas vou escrever;
 Não chorarei de dor na despedida,
 Separo-me de todos com prazer.

Ai! como quanto amei pior me fez!
 Levaram-me as paixões, quais forte vento,
 A vêr na terra a córte mais soez.

Se eu, passando no mundo em sofrimento,
 Soubesse que era a derradeira vez,
 Não teria, deixando-a, um só lamento.*

* Foge-me a vida. Vou descer ao tumulo,
 Da terra apenas conhecendo a dor.
 Fui de mim proprio desgraçada victima,
 Amei... amei... mas não me tive amor.

Compulso agora o livro da existencia.
 Do que hei sofrido só me culpo a mim.
 Dotou-me á larga a Santa Providencia,
 Eu deserdei-me, e chego assim ao fim.

Deu-me talento, lucido, vivissimo...
 Que produzi? que fiz? — Que eu saiba, nada.
 Deu-me alma, coração, e consciencia...
 Por eles tive a vida escravizada.

Deu-me inda do futuro a presciencia.
 E que fiz eu de tão notavel dom?
 Medi sempre e em tudo a consequencia,
 Raro seguindo o raciocinio bom.

Agora é tarde! Eis-me chegado ao tumulo,
 Meu pobre corpo extenuado está.
 Porém, pergunto: — De que serve ao espirito
 Tanto desgosto que sofri por cá?

Penso, medito, e por fim desespero-me:
 Não posso acreditar em *mais não ser*.
 Ai! quem seguiu na vida um trilho aspérrimo
 Só lhe dá gozo a ideia de morrer.

Morrer... morrer... é renascer, convengo-me!...
 E eu sofri tanto até chegar aqui!...
 Transmuda em pedra um torturado espirito,
 Meu Deus, piedade... eu já demais senti.

Na porta batem leve, levemente,
 E Gil pergunta: — Eu poderei entrar?
 Assim as nuvens rompe brandamente
 Após a chuva um raio de luar...

Dom João, pálido ainda,
 Mas já confortado

Pela imensa amargura
 Que ao ar tinha lançado,
 Pergunta ao seu amigo :
 — Responde, ó criatura :
 P'ra que é que eu fui criado?

*

A noite é calma e linda,
 D'alvo luar de agosto,
 Que espalha em cada rosto
 Essa paz, do ceu vinda,
 Em que ha doce prazer.
 — Quando estás só contigo,
 Diz Gil, olhando a lua,
 Mergulha n'alma tua
 O puro pensamento.
 Has de achar a razão
 Da Luz no Firmamento,
 Do Sopro que te anima
 E que te faz viver,
 E que a sofrer te ensina
 Que nunca has de morrer.

*

Em ondas de harmonia ardente e pura,
 A que as convicções dão forte encanto,
 Mostrou-lhe como um Ego se depura
 E sobe ao Logos num sublime canto.
 — Que é a vida afinal? — Um sofrimento.
 — E que é tudo no mundo? — O pensamento.

DESILUSÃO

VIII

Era noite de baile. Que alegria
Havia nessas salas de Cascais,
Onde Pedro de Melo, tio de Vera,
Dava festas mais belas que as riais !
A hora estava já adiantada.
Dansava se com alma e com paixão...
Mas Vera na varanda se isolara
Para melhor ouvir o coração...
Veio então junto dela outra menina,
Toda de branco, e sem alvura n'alma,
Que, depois de falar de ninharias,
Lhe diz, sorrindo, com fingida calma :
— Sabes que vou casar ?

— Quem é teu noivo ?

— Dom Paio Torres de Oñor, esse espanhol,
Que veio para a toirada e ofusca os outros
Como aos astros ofusca sempre o sol.

*

Que turvação imensa ! Que explosão !
Sufocada no orgulho e n'altiveza !
Se o mundo desabasse em volta dela
Não teria mais dôr, nem mais surpresa !

Mas forte de animo e de raça forte,
 Sorrindo, lhe responde alegremente:
 — Eu também vou casar, mas nada digas.
 — Pode saber-se qual o pretendente?
 — E' meu primo João: desde crianças
 Isso está combinado entre nós dois.
 Irónica lhe observa a falsa amiga:
 -- Ninguém dirá. Que reservados sois!
 E de pronto se afasta, indo contar
 A Dom Paio a conversa que tivera.
 Sem nem um só momento fraquejar,
 Em busca de seu primo corre Vera,
 E esfrangalhando o proprio coração,
 Conta-lhe tudo e logo após pediu:
 — Salva-me deste ultraje, caro amigo.
 João olhou a n'alma... e consentiu.
 Deu-lhe o braço com graça e, radiantes,
 Ambos entraram rindo nos salões.
 Que torturas crueis os dois sentiam
 Torcer-lhe e retorcer lhe os corações!...
 Tão bem representaram o papel,
 Que Dom Paio ficou todo indignado
 E retirou-se antes de terminar
 Murmurando, ciumento e despeitado:
 — Reptil... reptil!... não te poder pisar!

Rompia o dia ao terminar da festa,
 E Vera, entrando emfim no toucador,
 As aias despediu e pranteando
 Ficou tão loucas ilusões de amor.
 Olhou no espelho o seu palido rosto:
 — E' possível viver assim sofrendo?

Como é que a dôr de tão mortal desgosto
 Não fulminou meu corpo? Estou-me vendo
 E parece-me incrível! Vivo e penso!...
 Fiquei de pé e pude sem baquear
 Fingir uma alegria, um gozo intenso,
 Enquanto a dôr me estava a devorar!
 Tudo acabou! Começa um cru martirio.
 Pobre João! A palidez dum cirio
 Tinha nas faces ao dizer-me adeus...
 Que desgraçados somos! Porvir denso
 D'inferno e trevas nos destina Deus!

*

Dom João, ajoelhando a vez primeira
 Ante a imagem dum Cristo bronzeado,
 Soluça e geme duma tal maneira,
 Que o seu ser, fibra a fibra, despedaça
 Na pior dôr que se ha jamais sonhado!
 Vêr-se ligado para a vida inteira
 Pela vaidade, mas sem ser amado,
 A' criança que adora e, verdadeira,
 Lhe mostra d'alma o perturbado estado!...
 Antes lhe dessem dum veneno a taça!
 Antes em feroz lucta succumbir!
 Antes cair na Boca do Inferno
 E nunca mais á superficie vir!
 «Corpo sem alma, não, oh! não, não quero.
 Meu Deus, meu Deus, a que me fui prestar.
 Antes parar de vez o coração
 Que a dôr me rasga como abutre fero,
 Do que a uma tal vileza sujeitar
 A pura consciencia que me déste.
 Oh! não, cem vezes não, mil vezes não!

Tenho n'alma a negrura dum cipreste !...»
 Mas de repente uma ideia divina
 Baixou do céu, vindo alentar-lhe a mente :
 «Conserva pura e casta essa menina
 E julgue-te casado toda a gente...»

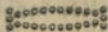
.....
 Serenou por encanto a tempestade,
 E murmurou fremente uma oração.
 É que no sofrimento enfim achára
 Essa Voz doce e d'harmonia rara
 Que só se faz ouvir no coração.

Elevára-se o sol.

Dando o meio-dia.

O sino diz :

Um anjo veio a visitar Maria...



ELA POR ELA

VIII

Almas de flocos nevados,
Mais alvas do que alvo linho,
Abrindo, pôr entre chagas,
Ensanguentado caminho,
Almas de flocos de neve,
Almas mais puras que arminho !
Almas de sonho e de luz !
Almas de luz e de graça,
Voando no espaço azul,
Como andorinha que passa !
Por muito que vos abata
A forte mão da desgraça,
Voi mais alto, mais alto,
Que o que passou já não passa.
Almas de luz e perfume,
Almas de aroma e de luz,
Almas que sois torturadas
Nas sombras negras da cruz !
Subi tão alto, tão alto,
Onde o sol vos banhe a flux
E, depois de alto, mais alto
Até chegar a Jesus !

Isto dizia o filosofo,
Sentado entre Vera e João,
Mostrando que cada ser
Tem na terra uma missão
Que não termina ao morrer.
E escutando avidamente
Do bom velho a meiga voz,
Os dois jovens se entreolhavam
Num desejo puro, ingente
De sair de onde se achavam
E voar no espaço a sós.
Caía-lhes n'alma o orvalho
Que, de manhã, esmalta a flor,
Adormecendo os maus sonhos
De impuro e sensual amor.
Co'o espirito a desprender-se
De vis miserias terrenas,
Gozavam auras serenas
Após rijo vendaval.
E' tão boa a calmaria
Que sucede ao temporal!
Ha morte nessa apatia,
Mas nasce dela a saudade
Numa mistica agonia
Feita de sonho e poesia
Que não domina a vontade.

Dom Paio fez-se anunciar.
Rompe de novo um tufão...
Vera pensava em negar-se,

Mas impediu-lho Dom João :
 — Recebe-o com gentileza
 E provas de distinção,
 Convida-o mesmo p'ra boda :
 Vem a parentela toda,
 Haverá rija função.

FILOSOSO, *com pena*

Como ás cousas do mundo estás pegado!...

João

Será, descansa, um ultimo pecado.
 Em breve has de notar quanto mudei
 E todo o bem que devo ao são conselho
 Do teu verbo de mel, meu santo velho.
 Dom Paio entrou. Vinha desfigurado,
 Mas de cabeça erguida como um rei!

A conversa, em tom leve e galhofeiro,
 Agradavel correu, só n'apparencia.
 Quem visse o pensamento em pura essencia
 Que espanto fundo, imenso que teria!
 Dom Paio, tenebroso e desvairado ;
 Dom João, tão forte d'alma quanto triste ;
 Gil, do espanhol muito desconfiado ;
 E Vera, qual guerreiro, a lança em riste,
 Esperava o ataque que decerto,
 Como galanteador habil e esperto,
 O toureador não faltaria a dar.
 Entrou mais gente e achou a occasião

De perguntar á joven a verdade
Sobre a noticia que, alem da vaidade,
Lhe f'rira o coração. Que noite eterna
Passara n'ansiedade e sofrimento !

*

Vera, ocultando a funda indignação,
Disse que o não haviam enganado :
Realmente amava o primo com paixão
Que pode haver em alma casta e terna.
Dom Paio, estremecendo, aventurou :
— E se eu pedisse, Vera, a sua mão ?
— Ninguem pode já dar o que está dado.
Teria por resposta um simples não.
— Mas eu julguei notar...

— Entusiasmo?...

Sim, sim, mui forte e vivo, pelo artista
Que assim á morte, a gracejar, se arrisca
Com denodo e valor de fazer pasmo.
Mas esse sentimento do amor dista
Como um pequeno rio dum grande mar.
De olhar ensanguentado e torvo aspecto
Disse Dom Paio, a vista a chispar lume :
— E se eu a proibisse de casar ?
— Rir me-ia da loucura e do ciúme
Que nada em mim lhe pode autorisar.
— Porém, nos olhos seus, Vera, suponho...
— Que vaidade e que engano! Um sonho, um sonho...
— Diga-me ainda, perguntou trememente,
Se não estivesse noiva, recusava-me ?
E olhava-a n'alma torturadamente...
Ela volta a cabeça resplendente
Dizendo a rir : — Tenciona confessar-me ?

Pois bem, sou franca... com certeza: é velho...
 Poderia pensar toda essa gente
 Que em vez de meu marido, era meu pai.
 Num arrebatamento rancoroso
 E tom de dôr em que a voz se lhe esvai,
 Diz incisivo, duro, impetuoso:
 — Matarei num duelo a Dom João.
 Hei de a frir, Vera, em pleno coração.
 Serena, ela responde altivamente:
 — Nada tenho com isso, e com certeza
 Dom Paio ignora que uma portuguesa
 Se ri de espadachins e valentias,
 Achando desprezíveis covardias,
 Tentar á força um coração vencer.
 De ameaças rio, e quantas mais me fazem
 Mais alto afirmo que não pode ser,
 Porque em casos de amor não se dá esmola,
 E' vã toda a palavra que consola
 Em que a verdade se não pode ver.
 Porém, sempre que o vir a torear,
 Hei de gabar-lhe a indomita coragem,
 Gritando fortemente e com calor:
 Bravo! bravo! Dom Paio Torres d'Oñor.
 Na arena, sim, não encontráis rival!
 Sois rei da sela; ficais mal na sala.
 Não vos pareça ser sincera mal.
 Aqui, qualquer rapaz a vós se iguala
 E pode amachucar-vos a vaidade.

*
 Afastou-se com modo natural,
 Soltando gargalhadas cristalinas,

Indo juntar-se a um grupo de meninas
Onde falou da boda e do enxoval.

Dom Paio, assim tratado, refervia,
Disse baixo um segredo a Dom João
Que a sorrir lhe foi dando o seu cartão
Com desdenhoso riso de ironia.
Gil, reparando em tudo, reprimia
As pulsações do proprio coração.
O velho tio de Vera, radiante,
Dizia alegre já poder morrer,
Visto a sobrinha desposar-lhe o filho.
E nos olhos sem luz, quasi sem brilho,
Havia a expressão extranha, neles rara,
Causada por um vivo e são prazer.
Havia bons dez anos que sonhara
Que o enlace dos dois se realisara
E não cessara mais de o desejar.

Despediu se Dom Paio, e, retirando,
Pela escada, entre os dentes, vai rugindo,
Num tom cortante e mau, de arripiar:
«Que raiva sinto n'alma, que odio infindo!»
E repete, feroz, de quando em quando:
«Reptil! Reptil! Não te poder pisar!...»

Vera, ao ver-se de novo no seu quarto
Enastrando o cabelo longo e farto,

Lançou-se sobre o leito a soluçar:
--Meu Deus! Meu Deus! Como o adoro ainda!
Mas nunca hade saber quanto lhe quero
Nem quanto o meu destino é miserando.
E' forte? Eu tambem sou. Nunca tolero
Que alguém me pise a sombra, nem brincando.
Precipitei talvez resoluções?
Talvez!... talvez os nossos corações
Se pudessem na vida acompanhar..
Agora, é tarde!... e por ser tarde, choro.
Meu Deus! Meu Deus!... como eu ainda o adoro
E sinto imenso dó de o torturar...
E começou de novo a soluçar.

*

Bate a chuva a vidraça fortemente
E ribomba o trovão.
Reflecte a Natureza exactamente
O mal do coração.
Perde-se ao longe o trovejar potente,
O mar lamenta-se em vai-vem plangente...
E Vera continua a soluçar
Numa desolação sempre crescente.



O DUELO

IX

Dom João tinha o nobre sangue frio
Dos fortes que se sabem dominar :
Odiava Dom Paio ; porém, nunca
Acalentara a ideia de o matar.
Tinha por êle o nojo que a espelunca
Inspira aos que a não querem frequentar.
Ha muito conhecera que Dom Paio
Era bem mais laçao que o seu laçao,
Um rapaz serio e bom, p'ra lastimar,
Pois servia, paciente, um animal
Que nem mesmo era digno de o calçar.
Recebendo esse ultraje que, em segredo,
Êle lhe murmurou com insolencia,
Conservou sempre um rosto altivo e lêdo.
Entregando a uns amigos a pendencia
Apenas fez notar : «ou tudo ou nada.
Tanto me faz pistola como espada.
O que não quero é luctas a fingir.
Até que enfim ! Tenho-o na minha frente
E, sem ser eu que a isso o convidei !
Hoje posso dormir suavemente.
Amanhã Deus dirá se dormirei.»

Embalado na tempestade em furia,
 Ouvindo dos pinhais triste lamuria,
 Por fim adormeceu.
 Mal a manhã rompeu
 Vieram-no acordar.
 Partiu sereno e forte
 Sabendo bem que a morte
 Podia não tardar.

Foi renhido o combate.
 E Dom Paio, caindo finalmente,
 Foi ferido exacta, exactamente,
 Em pleno coração, como quizera
 F'rir em Dom João o coração de Vera.
 E f'rira, mas no proprio coração.
 Ai! como é justiceira a mão de Deus!
 Quem pode penetrar os seus designios
 Na densa terra ou nos etereos ceus?
 Ele expirou, feroz e demudado,
 Medonho de rancor e de feições.
 João, reparando em tudo, desolado,
 Sentia as mais atrozes afflicções:
 — Matar! matar! tirar a vida a um ser.
 Que acção nefanda, horripilante e crua!...
 Como hei de andar á luz do sol, da lua?
 Como, tendo matado, hei de viver?
 Um forte desespero o desvairou
 E num ataque de formal loucura,
 Quiz-se tambem matar, ao que obstou
 Um dos amigos, muito dedicado,

Que ao filosofo Gil o foj levar.

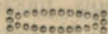
.....

«O que diria Vera ao despertar,
Quando lesse a noticia no jornal? »
Pensava afficto João. Depois pedia:
— Deves lá estar, meu Gil. Só, nem podia
Afrontar esse olhar. — E' natural.
A tua vista hade fazer-lhe mal. .
— Eu partirei, para esquecer ao longe
Esta imensa amargura que me invade...
As mãos tintas de sangue! ó Deus, quem hade
Apagar numa vida nodoa tal!

.....

Não chegou Vera a vê lo. Não podia
Calcular pela sua essa agonia,
Em que é sobreviver o pior mal.
E Dom João partiu, fugiu p'ra Espanha,
Jurando não voltar a Portugal.
Alguns mezes depois, passou-se a França,
Entrou na guerra e lá morreu tambem,
Luctando como um bravo pelo ideal,
E pensando na bela terra-mãe
Tão distante do seu torrão natal,
Onde deixara o coração ficar,
Preso dessa mulher fatal que a mente
Não podia aceitar nem olvidar.
— O pai?
— Morreu de dor. Vera sómente
Ficou viva e de pé como uma sombra!
Muita vez vai, por sobre a verde alfombra,
Ao jazigo do velho levar flores.
Nunca fala a ninguem dos seus amores
E vive em casa retiradamente

Sempre imersa em mudez. A' tarde sai
Pelas bordas do mar, quando o sol cai,
Indo nas salsas ondas mergulhar.
Murmura uma oração, põe-se a chorar
Sem poder olvidar o que lá vai!



O CEDRO

X

Uma manhã, porém, quiz visitar
A quinta onde nascera tanta dor,
E, sobre tudo, a arvore frondosa
A cuja sombra os sonhos de ventura
Tomaram a seus olhos vulto e cor.
Lá foi, lá foi num dia calmo e quente
E assim falou junto do cedro antigo
Que, chorando, abraçou como a um amigo:
— Como agora jaz tudo devastado!
A nóra, o tanque, nada resta já!...
Vestígios só, como no meu passado,
Atestam que existiu quanto não ha.
Cedro virente, cujo manto altivo
Descia d'alto a rastejar no chão!
Eis-te ainda de pé, mas, se estás vivo,
Tens no tronco a nudez do coração
Daquela que te chora e com saudade
Lembra amigos que foram e não são.
Que sonhos afaguei sob os teus ramos
Embalada na rede preguiçosa!...
Como em vida nos falta quanto amamos!...
Como mente a pupila radiosa
Que nos falou de amor!... Por divertir,

O homem, sem pensar, mata uma esperança,
Envenena um futuro de criança
Com duvidas pungentes e crueis...
Que ideia triste eu tive de cá vir!
Como as lembranças más nos são fieis!...
Ai! quanta vez, ó cedro, á sombra tua
Eu vi no firmamento erguer-se a lua,
E vi no azul o sol a transmontar...
Visões de formosura eterna e doce
Que eu teria gravado, se não fosse
A chama ardente de ardiloso olhar.
Tudo passou, ficando devastados
Tua coma e meu pobre coração
Lembramos, meu amigo, dois soldados
Recordando no campo a crua acção...
Já nada resta; impera a morte em tudo,
Porém a nossa mente evoca e vê.
Depois, erguendo ao ceu um olhar mudo,
Sentimos o conforto de quem crê
Não nos veremos mais, talvez, mas penso
Que as mil recordações que em ti condense,
Nunca a vontade as poderá extinguir.
São lagrimas retidas que escaldaram,
Ilusões de ventura que voaram,
E hoje são pungentes e crueis.
Que louca ideia eu tive de cá vir!
Como as lembranças más nos são fieis!...
Ficou-me a vida solitaria e triste
Como a noite com vento e sem luar.
E' minha dor a maior dor que existe...
Alguem amei que não me pôde amar,
Mas que, alvejado na vaidade imensa,
Tão desejoso foi de se vingar,
Que morreu no pecado e n'amargura,

Deixando-me sem vida.

— Não ha morte,

Murmurou junto dela, com firmeza,
 Uma voz que a tremer a fez calar.
 Era Gil que a seguira com certeza
 Na paternal ideia de a amparar.
 Raras vezes o vira desde essa hora
 Em que sentira o que era desventura,
 Porque o velho sabia que quem chora
 Ainda não exgotou toda a amargura.

*

— Desfez-se uma ilusão tão bela e qu'rida...

Ficou desfeita em pó?

Perdeste quanto tinhas nesta vida?

Eis-te chorando e só?

Sangra-te o coração? Isso é preciso.

Em breve sarará.

Inda em teus olhos lagrimas diviso.

Elas acabarão

Logo que ouças a Voz que do Silencio

Se ergue no coração.

Ela é que pode d'alma as profundezas

Em treva iluminar,

E fazer-nos subir em perfeição

Até nos sublimar.

E Vera, ainda em nervosismo intenso,

Tendo enxarcado em lagrimas o lenço,

Dizia, ao retirar-se, ao velho Gil:

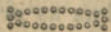
— Se eu pudesse voar no ceu d'anil!

Vejo na terra sempre hipocrisia

Sem arte de enganar.

Como almejo por ver findar o dia...

Que triste o despertar!
 * Como no coração eu sinto frio
 Se noto o que não tenho!
 Do mundo nada quero: conheci-o...
 Deu-me um pesado lenho.
 E Gil lhe respondia:
 — Foi triste o teu passado, muito triste.
 Fez-te sofrer? Convenho.
 Deixa quanto existiu, De quanto existe
 Separa o que é mortal
 Do que o não é.
 E sentirás no peito renascer
 Todo o poder da Fé.



EPILOGO

XI

Passado tempo, Vera, ao tumultuar do mundo,
Os ouvidos fechou.
Da Consciencia achando a vastidão enorme,
Só nela se encerrou.
Tendo exgotado o pranto amargo e doloroso,
O sorriso voltou.
E tendo em tudo a vida abandonado,
A viver começou.
Tentou, quiz, e venceu a força da ignorancia,
E assim pôde alcançar,
Pelo estudo e saber, a rara segurança
De se poder guiar.
Não quiz procurar Mestre, aqui, no reino perfido
Das falsas ilusões.
Sabe, para O achar, que ha de buscá-lo
Em outras regiões,
Onde as sombras nem já podem ser conhecidas
Nem brilha falsa luz.
Vê como está esplêndente e belo, o Incriado,
Dentro de si, na Cruz.
E rompendo num riso a transbordar ternura,
Ouviu do Ser Divino as sete puras vozes
No peito ressoar.
Depois os sete sons, e pôde emfim alar-se

Junto do Mestre seu, e d'alma devotar-se
A servir multidões.

*

Sagaz leitor, que lê a historia verdadeira
Que acabo de contar,
Medita fundamenta a sã filosofia
Que nela has de encontrar.
Primeiro, servirás perfeitamente o mundo ;
Só depois o Senhor.

Quem não sabe servir ainda a criatura,
Como, ha de servir bem o grande Criador?

*

E Gil escreveu a Vera :
«Com lagrimas e dores do passado
Faze um grande colar.
E ao veres algum baile anunciado,
Na vesp'ra, hasde emprestar
Essa joia preciosa á juventude
Que pode reparar,
Como, de não pensar, um ataude
Se fabrica a dançar..»

*

«Tem sempre á mão o cofre onde a palavra amor
O destino cruel gravou com tanta dor
O soberbo colar.
Ele a todos dirá, sincera e lealmente,
Sem chorar, nem gemer e quasi sorridente
Após tanto amargor :
«Eu sou feito de luz, de graça eterna e pura.
Não me pode guardar ninguem na sepultura
Que Deus é meu Senhor!»



